

## O discurso das charges em tempos de diáspora

### The discourse of cartoons in times of diaspora

Alan Tocantins Fernandes<sup>1</sup>

#### Resumo

*Este estudo investiga a construção de efeitos de sentidos no gênero discursivo charge acerca dos recentes fluxos migratórios, tendo como suporte teórico a corrente francesa da Análise de Discurso. Baseamo-nos nas noções de interdiscurso e condições de produção do discurso, que se relacionam na produção de sentido, trazendo para o centro da discussão a historicidade, as materialidades verbo-visuais e ideológicas contidas em um corpus composto de quatro charges publicadas em mídias eletrônicas no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos. Identificamos efeitos de sentido que transitam entre o discriminatório e o fortalecimento de valores humanitários e civilizatórios, funcionando também como importante instrumento de reflexão no tocante às crises migratórias da atualidade. Para produzir sentido, enunciadores se inscrevem em filiações discursivas, servindo-se da interdiscursividade, da memória e do esquecimento. Saberes historicamente construídos que circulam no imaginário social são mobilizados e atualizados, possibilitando novas perspectivas de leitura e significação.*

**Palavras-chave:** Imigração. Charge. Interdiscurso. Condições de produção. Efeitos de sentido

#### Abstract

*This study investigates the construction of the effects of meaning in the genre cartoon regarding recent migratory flows, having as theoretical support the French Discourse Analysis approach. We use the notions of interdiscourse and conditions of discourse production, which are related to the production of meaning, bringing to the center of the discussion the historicity, the verbal-visual and ideological materialities contained in a corpus of four cartoons published in electronic media in Brazil, Europe and the United States. We identified effects of meaning that move between discriminatory and the strengthening of humanitarian and civilizing values, also functioning as an important instrument for reflection in the context of today's migratory crises. To produce meaning, enunciators join in discursive affiliations, making use of interdiscursivity, memory and forgetfulness. Historically constructed knowledge that circulates in the social imagination is mobilized and updated, enabling new perspectives of reading and meaning.*

**Keywords:** Immigration. Cartoon. Interdiscourse. Production conditions. Effects of meaning

**Recebido em:** 21/07/2020.

**Aceito em:** 30/09/2020.

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8387-5763>.

## Introdução

Nos últimos anos, o movimento de grandes números de imigrantes e refugiados<sup>2</sup>, muitas vezes de forma desordenada, oriundos da brutalidade e violência das guerras, dos regimes opressivos, das desigualdades de oportunidades e das tragédias ambientais, tem causado insegurança em sociedades receptoras, que temem que os meios seguros de subsistência, como saúde, segurança e estabilidade econômica, entre outros, possam ser comprometidos. Este desconforto é um reflexo de políticas fracas (ou inexistentes) de acolhimento, do medo de uma “desfiguração” do cotidiano dessas sociedades, ou até mesmo da crescente onda de nacionalismo observada em algumas partes do mundo.

Neste trabalho, investigaremos a construção de efeitos de sentidos no gênero discursivo *charge* acerca dos recentes fluxos migratórios, tendo como suporte teórico a corrente francesa da Análise de Discurso (doravante AD). Para tanto, abordaremos as noções de interdiscurso e as condições de produção do discurso que se relacionam em um diálogo aberto e incessante na produção de sentido.

A natureza icônica das charges traz um movimento não linear em que o discurso se materializa em outras relações simbolicamente construídas, além das verbais, mobilizando sujeitos e permitindo o funcionamento ideológico espaço-temporal. Além de representar a realidade, produzindo efeitos reflexivos no leitor ao passo que este desenvolve uma atividade de produção de significação, servem também para conservar a força das relações sociais. Materialidades (significantes) são remetidas em uma composição plural de imagem e língua, revelando a força do simbólico, diferentes modos de formulação, mas também de esquecimentos e falhas.

No vínculo constitutivo entre o dizer e a exterioridade proposto por Pêcheux (2015), para que algo faça sentido é preciso que já tenha sentido. É preciso que haja uma relação entre a constituição do sentido e a sua formulação na atualidade. Embora alguns sentidos já estejam cristalizados e legitimados na sociedade, outras relações de sentidos são construídas, convocadas, acionadas ou reavivadas pela memória, permitindo que o discurso na charge produza sentidos a partir de outros sentidos – processo que, na perspectiva da AD, é denominado *interdiscurso*.

Sobre a noção de interdiscurso, Orlandi (2007) explica que este

[...] é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que torna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2007, p. 31).

Logo, podemos dizer que o discurso é determinado pelo interdiscurso. Através deste, podemos identificar o dizer em sua historicidade, significância, além de apontar filiações políticas e ideológicas. Na interdiscursividade – também conhecida na AD como *memória discursiva* –, o já-dito torna possível todo dizer. As pessoas se filiam a um saber

<sup>2</sup> Cabe aqui uma distinção: *refugiados* se deslocam de um país para outro, geralmente em busca de ajuda, por motivos de guerras ou perseguição em seus países de origem, enquanto que *imigrantes* saem de seus países por vontade própria, com o objetivo de conseguirem melhores condições de vida.

discursivo que produz seus efeitos através da ideologia, da sua memória discursiva, mas também do inconsciente, pois os já-ditos podem surgir inconscientemente no discurso.

Tais noções nos levam a compreensão do funcionamento do discurso e sua relação sujeito-ideologia e são, portanto, fundamentais para se estudar os efeitos de sentidos das charges. Eles valem tanto para as fontes enunciativas (sujeitos), que se servem de estratégias verbais-visuais para instituir uma relação com o seu destinatário, como para os conhecimentos de diversas áreas que o leitor precisa acionar para compreender as ilustrações.

O discurso chargístico se vale da relação entre o imagético e o verbal para constituir uma eficiente ferramenta política, carregada de ideologia e atravessada pela historicidade (associação entre o linguístico e o histórico). Dada a sua natureza ideológica, o discurso da charge nunca é neutro. O sujeito se posiciona discursivamente (e ideologicamente) diante das diversas conjunturas ou condições, que na AD são denominadas *condições de produção*. É a relação entre a memória discursiva e as condições de produção que permite o surgimento dos efeitos de sentidos que buscamos investigar neste trabalho.

Assumimos um cunho materialista para este estudo e trazemos a história para o centro da discussão sobre a significação contida nas charges. Nosso corpus é composto de quatro charges publicadas em sites de domínio público do Brasil (diante da crise migratória que se iniciou em 2017, com a chegada de cidadãos venezuelanos), da Europa (em meio à chegada de imigrantes vindos da África e Ásia Ocidental) e dos Estados Unidos (com as recentes políticas de imigração da administração do presidente Donald Trump).

Para a seleção das charges, alguns aspectos foram considerados, como a interdependência da linguagem verbal e não verbal, bem com a caracterização de ambientes, personagens e situações que auxiliassem na construção de sentidos. Outro aspecto importante para a seleção foi o caráter social e irônico proposto pelas charges dentro da temática dos fluxos migratórios contemporâneos, com representações marcantes e temporais que simbolizassem de forma crítica um dos fenômenos sociais mais importantes da atualidade. Este trabalho, portanto, propõe uma análise descritiva e qualitativa de elementos imagéticos e textuais que, associados ao interdiscurso, orientam o leitor na construção de sentidos.

Este artigo explora, primeiramente, a fundamentação teórica sobre o sujeito e o discurso sob o olhar da AD francesa. Na sequência, observa-se a importância do discurso midiático na constituição do imaginário social, com destaque para o funcionamento discursivo das charges. As quatro charges são então analisadas, investigando-se a força do simbólico na construção do imaginário acerca da questão migratória, tecendo-se, por fim, algumas considerações sobre o posicionamento sociopolítico e ideológico das ilustrações.

## O sujeito e o discurso

Ao dialogar com os fatos do dia-a-dia, as charges propõem novas possibilidades de significação do já-dito ou de uma realidade já conhecida. Com efeito, para ser eficaz na comunicação (i.e., para que se percebam as estratégias envolvidas no contexto da produção), este gênero discursivo conta com as experiências dos interlocutores acerca da situação representada, o entendimento do conjunto de fenômenos que garantem o que

Pêcheux (2015) denomina “fio do discurso”. A relação das coisas ditas (e não ditas) que constituem os sentidos e que, conforme sugere Charaudeau (2013), se dá pela união de condições extradiscursivas e realizações intradiscursivas, possibilita uma regularidade em um determinado momento histórico, pela qual se estabelece uma ordem no aparecimento discursivo que possibilita a construção de efeitos de verdade através de um regime institucional, ideológico, político ou econômico.

Sob a óptica da AD francesa, o discurso é formado por uma materialidade tanto estrutural quanto de acontecimento (PÊCHEUX, 2015), e é na instabilidade da tensão e do conflito que o discurso produz e absorve sentidos. As formações discursivas são resultantes de processos anteriores e o sentido do que é dito é determinado por posições ideológicas inseridas no processo sócio-histórico, provenientes de outras condições de produção (PÊCHEUX e FUCHS, 1997). Em outras palavras, o discurso é o lugar onde observamos a relação entre a linguagem – não transparente, mas opaca – e a ideologia. E é através do discurso que esta relação se constitui, sempre mediado pelo sujeito (ORLANDI, 1994).

Na constituição do discurso, “sempre voltado para outra coisa além das regras de uso da língua” (CHARAUDEAU, 2013, p. 40), o que se diz não é independente ou livre, mas faz parte de um conjunto de outros dizeres, que se apoiam numa “relação entre singularidade e repetição, que de um lado é gesto e de outro, liga-se a uma memória, e tem uma materialidade” (FOUCAULT, 2008, p. 31). Isso nos remete ao efeito ideológico elementar althusseriano sobre as condições de produção em que o sujeito não é a fonte do discurso e, logo, não se deve atribuir a ele a produção de suas falas. Ou seja, o sujeito é o fruto da interpelação ideológica.

Por ser o discurso um objeto linguístico e histórico, estes elementos constitutivos precisam ser analisados simultaneamente. Sabemos por Orlandi (2007) que, nos estudos discursivos, a língua deve ser compreendida não apenas como estrutura, mas também como um acontecimento – sujeito afetado pela história para produzir sentido (portanto, historicamente determinado), ao passo que a “história tem seu real afetado pelo simbólico” (*idem*, p. 19). A presença do histórico é fundamental e deve ser entendida não de forma cronológica, mas como historicidade. Logo, para a AD, todo acontecimento histórico significa, e é pelo discurso que a história deixa de ser apenas evolução. Nessa visão, nos interessa pensar o discurso tanto como estrutura quanto acontecimento, num universo instabilizado pelo conflito e incessável atravessamento de historicidade e de valores.

## O discurso midiático

Os aparelhos midiáticos, que nos interessam aqui por serem o campo de atuação das charges, validam regularmente seu papel cardinal na criação do imaginário social. Eles fazem emergir processos sócio-históricos e são difusores com grande extensão no corpo social, além de possuírem uma forte voz enunciadora atuando na criação de alertas sociais, reflexões, denúncias, podendo inclusive contribuir para o afloramento de manifestações de apoio ou rejeição sobre temas variados.

Nas relações de poder defendidas por Foucault (1998, p. 13), os aparelhos midiáticos ocupam uma “posição específica, mas cuja especificidade está ligada às funções gerais do dispositivo de verdade em nossas sociedades” e, dada a sua posição de enunciador, o discurso midiático, assim como o científico, possui um controle não

exclusivo, porém predominante, do saber. Permeia, portanto, as ideologias dominantes ao representar a realidade social através de sua (re)produção e (des)legitimação. Significados são (re)negociados e compartilhados através de um contínuo exercício de poder de determinados grupos sociais sobre outros, situando-se historicamente e mediando a relação entre o homem e a realidade natural e social (ORLANDI, 2007).

No funcionamento discursivo das charges, textualizado nas mídias eletrônicas aqui observadas, temos como fonte enunciativa o ilustrador, autorizado a “dizer” a partir de uma posição-sujeito, inserido, portanto, numa formação discursiva política e determinado por posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as charges estão inseridas.

De um modo geral, no entanto, a mídia (impressa ou eletrônica) insinua imparcialidade e conteúdos factuais e, para sua sustentação, utiliza-se de regularidades e da defesa incessante de seu ponto de vista, muitas vezes em detrimento de posições contrárias. Maingueneau (1997, p. 54) defende ser esta uma característica dos “mediadores” que se põem como “transparentes”, e sugere que se questione “se a noção de ‘intermediário’ entre um grupo social e um discurso é tão simples como parece”. Charaudeau (2013, p. 63) também se atenta para a posição central de poder do discurso informativo, que detém uma parte do poder social ao buscar “seduzir, persuadir, demonstrar ou explicar uma posição forte de autoridade, pois em todos os casos é detentor de um saber que o outro não possui”. Esse tipo de discurso se sustenta, na concepção do autor, numa estreita relação entre o imaginário do saber e o imaginário do poder – i.e., além da autoridade do saber, a aptidão e a legitimação de transmitir esse saber.

Ao analisar os efeitos fundamentais sobre a concepção da mídia, Orlandi observa que

[...] há uma ideologia da comunicação social que faz com que se use a mídia verbalmente, isto é, de modo a que as outras linguagens que constituem a mídia não funcionem sem o verbal. Para nós, não é assim. Isto é um efeito. A mídia tem seu domínio específico de significância e o verbal não é sobredeterminante quando restituímos a mídia a esse seu domínio próprio (ORLANDI, 1995, p. 42).

Para a autora, a mídia enfatiza pensar a linguagem com um viés contudístico, cuja função crucial do verbal contribui na produção de um efeito de transparência, estabilidade e uniformidade, linguisticamente organizada, na interpretação de um conjunto complexo de signos de naturezas distintas. Assim, mesmo que a informação venha por meio de outras linguagens (e.g., charges), a sua formulação para consumo acaba sendo a verbal.

Concordamos com Orlandi de que isto é apenas um efeito e consideramos estudar as charges pela riqueza da sua interdiscursividade, pela materialidade histórico-linguística e pela tensão causada pela plurivocidade em um ambiente supostamente estabilizado.

## **O discurso das charges**

Conforme já adiantado, foram selecionadas para este estudo quatro charges de comunicações jornalísticas (nacionais e internacionais), disponíveis em meios digitais, as quais usaremos para investigar a potência do simbólico, partindo de uma busca de

singularidades dos discursos na construção do imaginário acerca da questão migratória mundial recente, voltando nossa atenção para o visível e o invisível.

Iniciamos a exposição das nossas análises com uma charge publicada na mídia eletrônica *Roraima em Tempo*<sup>3</sup> (Figura 1) no dia 24 de agosto de 2017 com o título “*Invasão Venezuelana*”. O texto chágico sintetiza as aflições no que tange à chegada dos imigrantes e refugiados venezuelanos em Roraima (principal ponto de entrada no Brasil), como segurança, saúde, fragilidade econômica etc.

Na última década, o turbilhão econômico e político na Venezuela tem ocasionado um êxodo de milhares de pessoas para países vizinhos, decorrente da grave escassez de remédios e alimentos no país, mas também da violência, repressão e perseguição do governo venezuelano aos opositores políticos e manifestantes. Como consequência, viu-se crescer a apreensão em regiões de fronteiras, devido, principalmente, à sobrecarga de serviços públicos, já bastante fragilizados. Dados da Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)<sup>4</sup> revelam que somente em 2016, nacionais de 95 países solicitaram refúgio no Brasil<sup>5</sup>. Dados de 2018, da mesma agência, mostram que entre as solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, 77% eram da Venezuela.

Figura 1 – Charge “Invasão venezuelana”.



Fonte: Site do jornal virtual Roraima em Tempo.

Com o título *Invasão Venezuelana* temos um sujeito que se posiciona discursivamente, afetado pelas condições sócio-históricas e ideológicas, dando à ilustração a ilusão de unicidade e transparência. Pela ideologia, o sujeito e os sentidos são constituídos e seus efeitos produzidos. Nessa perspectiva, a evidência do sentido da palavra *invasão* faz parecer transparente o que foi constituído “pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam com a dominante,” como nos mostra Orlandi (2007, p. 46). Quanto à evidência do sujeito, esta funciona pelo que Pêcheux (2014) denomina

<sup>3</sup> Charge do cartunista Sérgio Paulo, publicada no jornal *Roraima em Tempo* em 24/08/2017. Disponível em: [https://issuu.com/roraimaemtempo/docs/jornal\\_roraima\\_em\\_tempo\\_\\_\\_\\_\\_edi\\_\\_\\_\\_\\_34ef4bf9cd3be3](https://issuu.com/roraimaemtempo/docs/jornal_roraima_em_tempo_____edi_____34ef4bf9cd3be3). Acesso em: 15 set. 2019.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>. Acesso em 21 jan. 2020.

<sup>5</sup> O Brasil é signatário dos principais tratados internacionais de direitos humanos e parte da Convenção das Nações Unidas de 1951 sobre o Estatuto dos Refugiados, e tem procurado acolher, às vezes precariamente, imigrantes carenciados, em resposta às crises humanitárias mundiais.

“esquecimentos”, em que: 1) o sujeito tem a ilusão de que é a origem do dizer quando, na verdade, retoma sentidos outros, preexistentes; 2) o dizer do sujeito podia ser sempre outro (e.g., “ocupação”, “aparecimento”, “chegada”, “movimentação” etc.), produzindo a impressão da realidade do pensamento.

A ilustração apresenta uma narrativa cujo cenário é identificado como a Praça do Centro Cívico, que abriga a sede dos Três Poderes em Boa Vista, capital de Roraima. Vê-se o Monumento ao Garimpeiro, que homenageia os pioneiros que atuaram na mineração no estado no início do século XX em busca de metais preciosos, contribuindo para o desenvolvimento do estado e dando origem ao chamado “milagre amarelo” – uma alusão ao ouro. Ao fundo, temos o Palácio Senador Hélio Campos, que sedia o governo do estado de Roraima, e a Assembleia Legislativa do estado – a sede do Poder Judiciário não aparece na charge. A inclusão desses ícones serve não apenas como pontos de referência, mas também constituem um saber discursivo social acerca do papel do poder público diante de uma situação caótica.

A materialidade verbo-visual apresenta uma intencionalidade discursiva que sugere uma aglomeração de imigrantes infelizes, confusos e doentes, expõe o desprestígio social e traz a criminalidade para o primeiro plano da imagem. É a “personificação do colapso da ordem” vislumbrado por Bauman (2017, p. 20). A maioria dos personagens tem o olhar esgazeado ou como em uma espécie de transe, sem uma consciência real. O único personagem que sorri, maliciosamente, é um bandido armado, com um olhar ardiloso, centralizado na imagem, em primeiro plano, olhando diretamente para o leitor. Também centralizada, mas em segundo plano, a estátua do Monumento ao Garimpeiro ganha vida e profere um enunciado, com a interjeição “*Socorro!!*”.

Discursivamente, apesar do caráter polissêmico, suscetível a interpretação, portanto um discurso não logicamente estabilizado (PÊCHEUX, 2015), a charge em questão sugere uma estabilidade no sentido, um já-dito que transita em outros lugares. Determinado pela interdiscursividade, tanto a situação migratória quanto a formação da identidade dos imigrantes venezuelanos são acionadas por uma memória discursiva que remete, por exemplo, à chegada de imigrantes em outras ondas migratórias, com a dos haitianos, em 2010. A imagem que se faz dos imigrantes deixa de ser uma condição sociologicamente descritível para assumir uma posição discursivamente significativa, através do sujeito, numa relação entre o mundo e a linguagem que só é possível através da ideologia, como nos diz Orlandi (1994). Nesse olhar, as relações sociais agindo no discurso constituem as formações imaginárias com relação aos imigrantes/refugiados venezuelanos, ao passo que a linguagem e a ideologia produzem os sentidos na charge.

A imagem do garimpeiro aciona uma memória discursiva que nos permite remeter o dizer – “*Socorro!!*” – a uma filiação de sentidos identificados em uma historicidade, expondo posições políticas e ideológicas. O dizer da estátua significa pela língua, mas também pela história. Logo, o dizer não pertence ao sujeito, assim como não pertence ao ilustrador responsável pela charge. O sentido do enunciado “*Socorro!!*” se desloca para sentidos diversos: A quem representa o garimpeiro? A quem é direcionado o grito de socorro? Para Orlandi (2007, p. 32), “o sujeito não tem controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Por isso é inútil perguntar ao sujeito o que ele quis dizer quando disse ‘x’”. Pêcheux (2015, p. 53) defende que o sujeito desencadeia a construção de diversos efeitos de sentido, e explica o possível equívoco da língua: “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”.

No entanto, em se tratando da relação das funções enunciativas assumidas pelo sujeito e o processo de significação, Orlandi (2007) nos alerta que, apesar da incompletude do sujeito e dos sentidos, este processo é amplo e transitável, porém administrado e sujeito às condições determinadas. Em outras palavras, muito embora não haja apenas *uma* interpretação, também não há *qualquer* interpretação. O caráter material do sentido depende da formação ideológica e da formação discursiva em que ele está inscrito.

No tocante à chegada de venezuelanos a Roraima, múltiplas verdades podem ser construídas. Foucault (1998, p. 12) enfatiza que o regime de verdade se dá através de “mecanismos e das instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos” e dos “tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros”. Tal situação nos remete aos efeitos de verdade no discurso, já que a mesma é constituída a partir da ação do sujeito e diante dos contextos sociais. Cabe à sociedade julgar a veracidade, mas nos deixa a reflexão sobre o “estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro” (*idem*, 1998, p. 12-13). Para o autor, “a ‘verdade’ se centra no discurso científico e nas instituições que o produzem, circulando, portanto, pelos aparelhos de educação ou de informação, e produzida e transmitida sob a vigilância de grandes aparelhos – e.g., a mídia – contribuindo para as lutas ideológicas”.

A narrativa circula na sociedade como discurso e alimenta o imaginário coletivo com relação aos imigrantes. Por sua vez, o funcionamento das práticas discursivas dá suporte a este imaginário em outras materialidades. Apesar de não trazer um antagonismo direto com relação à questão migratória, a materialidade verbo-visual propõe uma reflexão sobre uma importante questão humanitária, que toca questões caras à sociedade. A memória discursivizada a partir de uma posição-sujeito produz um efeito de sentido no leitor que faz emergir processos sócio-históricos, além de revelar acontecimentos, insatisfações e inquietações, mas também empatia, solidariedade ou indiferença. Maingueneau (2005) evidencia que as formações discursivas que se encontram em concorrência, se delimitam reciprocamente. Para ele, a concorrência se dá pelo afrontamento, mas também pela aliança, ou aparente neutralidade.

## A imigração na Europa

Cabe aqui, antes de iniciarmos as análises das charges no contexto europeu, valer-se do princípio da “securitização” preconizado por Bauman (2017), a exemplo da questão migratória na União Europeia, mas que se estende para outras fronteiras, como a do Brasil/Venezuela ou dos EUA/México, como veremos adiante. Bauman argumenta que tal política modera o peso na consciência e a responsabilidade moral no que tange aos imigrantes. O autor explica que “muitas pessoas se sentem – de modo consciente ou não – satisfeitas por se livrarem da responsabilidade pelo destino dos miseráveis, assim como das pressões de um dever moral que, de outra forma, iria inevitavelmente aparecer para atormentar as testemunhas” (*idem*, p. 38).

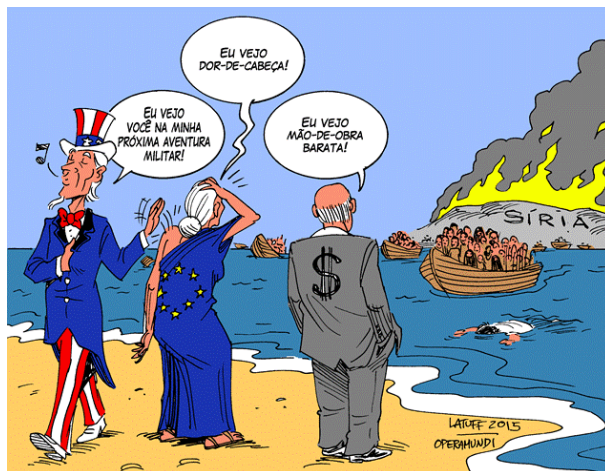
A figura 2 mostra uma charge<sup>6</sup> de Carlos Latuff, publicada na mídia digital *Opera Mundi* em 10 de setembro de 2015. A constituição de sentidos da ilustração se dá com a combinação de materialidades (verbal e visual) e acontecimentos discursivos que expressam três diferentes pontos de vista sobre a chegada à Europa dos refugiados da Síria, em

<sup>6</sup> Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/opiniao/41596/charge-do-latuff-sirios-fogem-de-guerra-civil-e-partem-para-europa>. Acesso em 01 maio 2020.



decorrência da guerra no país:

Figura 2 – Charge “A chegada de refugiados sírios à Europa”.



Fonte: Opera Mundi.

Os três diferentes olhares são personificados pela figura do Tio Sam (uma representação do governo federal dos Estados Unidos), de uma mulher com um vestido azul e estrelas douradas dispostas em círculo (simbolizando a União Europeia) e de um homem vestido de terno com um cifrão nas costas (referência ao capitalismo). Notam-se cabelos brancos nas três personificações, o que funciona em um efeito de algo longo, estabelecido e instituído de longa data.

Para compreendermos a articulação que se materializa na charge, observemos o efeito de contiguidade na relação que se dá pelo verbo *ver*, conjugado na primeira pessoa do presente do indicativo pelas três personagens no primeiro plano, estabelecendo uma ligação no material entre estes e o que acontece no segundo plano. Ao virar as costas e bater com a mão no ombro da “senhora União Europeia”, Tio Sam diz: “Eu vejo você na minha próxima aventura militar!”, e sai assoviando – o que por si só é uma prática discursiva no nível simbólico. A materialidade verbo-visual sugere, além de um posicionamento desdenhoso diante das guerras, textualizado por “aventura militar”, uma altivez que sequer se aproxima de uma cumplicidade ou reciprocidade com os desafios que serão enfrentados pela Europa com a chegada dos imigrantes. O pedantismo de Tio Sam se confirma com o pronome *minha*, sugerindo que a “aventura militar” é uma via de mão única em que, historicamente, os Estados Unidos assumem um comportamento solidário, formando alianças, ao mesmo tempo em que lucram com a venda de enormes quantidades de alimentos e armas para os países em conflito, como ocorreu na Primeira e Segunda Guerra Mundial.

Em uma posição menos favorável, a senhora que representa a União Europeia, com a mão na cabeça, em um gesto indicando preocupação, diz: “Eu vejo dor-de-cabeça!”, como se antecipasse os problemas internos (portanto, não no sentido literal) que se aproximam com chegada dos novos moradores: uma crise humanitária para a qual é impossível virar as costas, somadas à fragilidade das leis migratórias no continente, a insegurança econômica e o fortalecimento dos partidos nacionalistas anti-imigração em diversos países. Outros agravantes incluem, por exemplo, a falta de consenso entre os 28 membros da comunidade europeia (cada um com sua própria polícia e sistema de justiça)

sobre como lidar com a crise e o fato de que a maioria dos países da União se encontra na área coberta pelo Acordo de Schengen<sup>7</sup>, que permite às pessoas atravessarem fronteiras sem a necessidade de visto ou mesmo a apresentação de um passaporte, contribuindo para o sentimento xenófobo entre muitos nacionais europeus e a alta rejeição de imigrantes e refugiados.

A terceira personificação em primeiro plano representa o prospecto de acumulação capitalista com o dizer “Eu vejo mão-de-obra barata!”, o que nos remete à liberdade dos mercados delineada às necessidades do capital, potencializando o aumento da mais-valia<sup>8</sup> e a reprodução do trabalho como valor-de-troca<sup>9</sup> em detrimento não só do nível geral dos salários, mas também dos direitos e proteções que asseguram as relações dignas de trabalho de estrangeiros, sobretudo aqueles em situação irregular. A memória discursiva faz circular formulações outras e supõe o enunciado inscrito na história. Temos que a expressão *mão-de-obra barata* é, portanto, sócio historicamente determinada. O locutor/chargista se utiliza da historicidade para atribuir sentido para seu texto e fazer com que este cumpra sua função social de comunicar, denunciar, ao mesmo tempo em que estimula uma reflexão do leitor sobre a flexibilização e precarização das relações trabalhistas em decorrência de uma provável concorrência entre a força de trabalho local e a imigrante (muitas vezes ilegal) por postos de trabalho cada vez mais escassos.

Na irrupção histórica e na singularidade do acontecimento, os enunciados da charge se inter-relacionam, produzindo sentido. O que se rememora pelos enunciados na figura 2 é da ordem de um saber discursivo, historicamente construído, que certamente circula no imaginário dos leitores da mídia digital em que a charge foi publicada. Esta mobilização nos leva à percepção pecheutiana (2015) de acontecimento discursivo, em que uma atualidade e uma memória se unem na constituição de sentidos. Os discursos de cada um dos personagens na charge não são inéditos. Pelo contrário, eles nos rodeiam há tempos, mas foram atualizados no contexto do fluxo migratório e passam a ressignificar em uma nova leitura, com coerência e pertinência típicas das charges políticas.

A discursividade é o vínculo da língua com a história, através dos seus efeitos materiais, o que dialoga com a visão de Foucault (2008, p. 133), quando este afirma que a prática discursiva “é um conjunto de regras anônimas, históricas, determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma determinada época e área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”. Logo, o que atesta a historicidade dos enunciados é a relação destes com a série de formulações com as quais eles coexistem. Lagazzi (2011, p. 278) complementa este pensamento ao explicar que, na perspectiva materialista, “as relações entre significante e sentido se produzem no funcionamento discursivo, sempre determinadas pelas condições de produção”.

A charge da figura 3 também traz uma formulação discursiva que reforça a

---

<sup>7</sup> O Acordo de Schengen visa suprimir o controle nas fronteiras internas e instaurar um regime de livre circulação para todos os nacionais dos países da União Europeia e de certos países não pertencentes. Atualmente, formam o espaço Schengen 22 dos 28 países da União Europeia, enquanto uns aguardam para fazer parte e outros controlam suas próprias fronteiras. Disponível em: [https://eur-lex.europa.eu/summary/glossary/schengen\\_agreement.html?locale=pt](https://eur-lex.europa.eu/summary/glossary/schengen_agreement.html?locale=pt). Acesso em 15 mar. 2020.

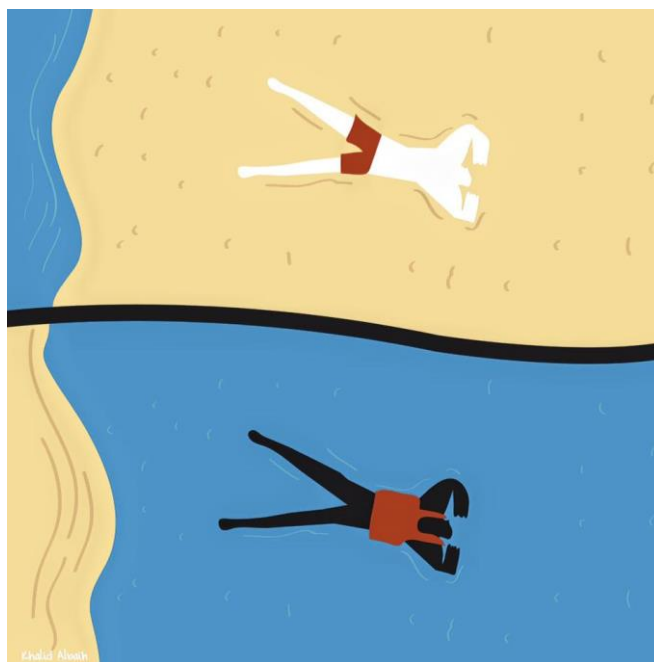
<sup>8</sup> Conceito marxista que trata da força de trabalho, o tempo de realização e o lucro obtido. A mais-valia se refere à desigualdade entre o valor produzido pelo trabalho e o salário pago ao trabalhador. É, portanto, a base de exploração do sistema capitalista sobre o trabalhador.

<sup>9</sup> Na visão de Marx, é a quantidade de valor necessária para se produzir um produto. O valor de troca de um produto depende, em grande medida, da quantidade de trabalho despendida na sua produção e não na sua utilidade.

gravidade da crise humanitária que acompanha os fluxos migratórios pelo mundo. Assim como na figura 2, a charge<sup>10</sup> da figura 3 refere-se ao contexto da crise migratória na Europa.

A ilustração do cartunista político sudanês Khalid Albaih – considerado no meio jornalístico um revolucionário virtual, com seus posicionamentos políticos sobre a vida no mundo árabe – foi publicada na mídia digital *Middle East Revised*, em 24 de fevereiro de 2016. Sua materialidade visual é construída através de dois acontecimentos enunciativos que se espelham, formando o que se assemelha ao processo fotográfico de negativo-positivo, em que uma imagem “negativa” se dá pela inversão de cores de uma imagem “normal”, fazendo com que as áreas escuras fiquem claras e vice-versa.

Figura 3 – Charge “Contrastes no Mediterrâneo”.



Fonte: Middle East Revised.

Utiliza-se da cor azul para representar o que supostamente seria o Mar Mediterrâneo, principal cenário das desesperadas tentativas de travessias da África e Ásia Ocidental para o continente europeu, que contrasta com a segurança, tranquilidade e liberdade daqueles em terra firme, aqui representada pela cor bege (areia). Em cenários contrastantes, o signifiante do que seria um homem branco europeu, de shorts e sem camisa, relaxa apazivelmente em uma praia enquanto um outro signifiante traz, na mesma posição, um corpo de pele escura e colete salva-vidas que perece, boiando nas águas do mar, mobilizando um saber sobre as centenas de casos daqueles que não conseguem chegar à costa de algum país europeu, a clandestinidade, a inumanidade e o perigo de morte<sup>11</sup> associados ao cruzamento.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://middleeastrevised.com/2016/02/24/khartoon-by-khalid-albaih/>. Acesso em 01 maio 2020.

<sup>11</sup> Segundo o relatório *Desperate Journeys*, divulgado pela ACNUR, uma média de seis pessoas morreram por dia tentando chegar à Europa com travessias clandestinas pelo Mar Mediterrâneo. Relatório disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2019/01/30/seis-people-died-attempting-to-cross-the-mediterranean-sea-in-2018-shows-report-from-acnur/>. Acesso em: 04 set. 2019.

A ausência de uma materialidade verbal na charge é compensada com eficácia pela tomada de acontecimentos históricos e sua renovação para acontecimentos enunciativos. Fica evidente como a história por trás da materialidade é um dos elementos essenciais para se analisar as produções sociais dos sentidos. Não sugerimos aqui, no entanto, que a interpretação que se faz seja a única possível, haja vista a incompletude dos sentidos, “trajetos simbólicos e históricos não terminados”, como pontuado por Orlandi (2012, p. 93). Mas, ao considerarmos o discurso inscrito na história, nossa memória discursiva nos permite reconhecer e apreender as formações discursivas que constituem os sentidos da ilustração.

Dentro do contexto sócio-histórico das perigosas travessias clandestinas em barcos improvisados, a temática da mesma charge poderia repetir-se ou atualizar-se na instância de outros acontecimentos. Tomemos então a noção do acontecimento como princípio do funcionamento discursivo. Lembremos, para exemplificar, das tragédias associadas às inúmeras tentativas de travessia para se chegar à costa norte-americana com embarcações partindo de Cuba, transportando imigrantes de diversas outras nacionalidades latino-americanas, inclusive a brasileira. Assim, sob determinadas condições de produção, a charge da figura 3 poderia se inscrever na instância de outro(s) acontecimento(s), dada a conjuntura histórica em um efeito de atualidade que, para Brandão (2012), é o resultado dos efeitos de memória, que irrompe um acontecimento passado no presente e o reatualiza.

### A imigração na era Trump

As políticas de imigração de Donald Trump, amplamente discutidas em sua campanha presidencial para as eleições de 2016 e reiteradas durante sua gestão, enfatizam a intolerância a imigrantes ilegais, o fortalecimento da fronteira com o México (o que inclui a construção do controverso muro dividindo os países), forte oposição ao direito de cidadania de pessoas nascidas nos Estados Unidos, deportações em massa, e até mesmo a proibição temporária de entrada de muçulmanos estrangeiros nos Estados Unidos.

Consideremos a relação de interpretação estabelecida no que é dito (e não dito) e os efeitos de sentidos na charge<sup>12</sup> da figura 4, publicada no site *Watching America* em 14 de julho de 2018, cujas simbologias sugerem, como veremos, uma tirania para com os imigrantes como parte de um projeto de governo. Nela, temos a imagem da Estátua da Liberdade com uma expressão condoída, que segura um *tabula ansata* com os dizeres “Dai-me seus pobres, seus fatigados...” (*Give me your tired, your poor...*). Trata-se de um excerto do soneto<sup>13</sup> *The New Colossus* (em português: “O Novo Colosso”) de Emma Lazarus, escrito em 1883, e que está gravado em uma placa de bronze na estátua, em Nova Iorque. O soneto, na íntegra, faz referência ao acolhimento aos desabrigados e imigrantes que chegavam aos Estados Unidos pelo porto da cidade, ansiando por respirar livremente.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://watchingamerica.com/WA/2018/07/14/inhumanity-toward-immigrants-political-negotiation/>. Acesso em 28 fev. 2020.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poems/46550/the-new-colossus>. Acesso em 01 mar. 2020.

Figura 4 – Charge “A ‘demissão’ da Estátua da Liberdade”.



Fonte: Watching America.

Sentado do lado oposto da estátua temos o que seria o presidente Trump, representado por alguns índices icônicos, já que o seu rosto não aparece. Sobre a mesa há um prisma identificador com a figura do elefante que simboliza o partido republicano desde meados do século XIX. Além disso, a figura que representa o presidente, bem maior que a estátua, veste um terno e utiliza-se de uma linguagem corporal (com as mãos) característica de Trump em seus discursos, em que o dedo polegar e o indicador se tocam, como se usando um instrumento de precisão, sobretudo para demonstrar certeza de si mesmo, controle dos fatos e domínio na argumentação – o gestual tornou-se típico de seus pronunciamentos, servindo inclusive para comediantes que mimetizam o presidente. Da figura imponente vem o enunciado *You're fired* (em português: “Você está demitido(a)”), que havia ficado mundialmente conhecido através do *reality show* de empreendedorismo “O Aprendiz” (*The Apprentice*), no qual, a cada episódio, um participante era demitido pelo próprio Donald Trump, então empresário e personalidade televisiva, mas também peça central e a força motriz do programa. Estes são índices que constituem um saber discursivo social acerca não só da persona do presidente, mas também do seu posicionamento político e ideológico.

Novamente, a história na materialidade revela-se fundamental para o efeito das construções discursivas e, portanto, para a produção social dos sentidos. O ilustrador vale-se de formações discursivas distintas, de tempos outros, de discursos outros, sendo uma recreativa e outra política, para produzir efeitos de sentidos para o discurso em sua arte. Os sentidos do discurso são retomados a partir da memória discursiva, a qual pertence ao processo sócio-histórico e permite que formações discursivas façam circular formulações outras – atuais ou já enunciadas – e que impede, portanto, que tais sentidos desapareçam. O sujeito se engaja na dinâmica do processo sócio histórico, se apropria da memória e toma os enunciados como seus. Na prática, portanto, a situação discursiva da charge e o sócio histórico são indissociáveis. O ilustrador se inscreve em filiações discursivas constituídas em outros dizeres no jogo da linguagem que se historiciza, marcados pela ideologia e pelas posições relativas ao poder.

Há uma inequívoca relação interdiscursiva na charge, a qual traz na narrativa verbo-

visual um enunciado que já circula em outros lugares (*You're fired*) para significar o que se dá no referido contexto. Com efeito, há uma aproximação de um enunciado derivado de um universo relativamente estabilizado e controlado, que é o programa de TV, de um outro universo, o político, no qual não há tal estabilidade. A questão migratória, evidentemente, está longe de ser um *reality show* e, ao “demitir” a Estátua da Liberdade, a figura de Trump põe em xeque os ideais de liberdade, esperança e acolhimento (aos pobres, imigrantes e fatigados) que a estátua representa. Esta articulação é possível em contexto, no subentendido, noção defendida por Orlandi (2007, p. 82) na qual “há toda uma margem de não-ditos que também significam”. Para a autora, o não-dito é subsidiário ao que foi dito, muito embora não se possa afirmar que haja uma ligação direta entre estas instâncias.

Há que se considerar, no entanto, as condições de produção que permitem a relação simbólica entre os elementos da charge. Na conjuntura da figura 4, o enunciado atribuído a Trump é uma formação de resistência (ao que já estava estabelecido pelo que a estátua representa), que existe em todo o exercício de poder e se encontra nas relações sociais, sob a forma de relações de força, conforme vimos em Foucault (1998). Para o filósofo, “a análise dos mecanismos de poder não tende a mostrar que o poder é ao mesmo tempo anônimo e sempre vencedor. Trata-se, ao contrário, de demarcar as posições e os modos de ação de cada um, as possibilidades de resistência e de contra-ataque de uns e de outros” (*idem*, 1998, p. 241). Nessa visão, articulações hegemônicas de significados e identidades buscam a institucionalização de sentidos, a estabilização da memória e surgem de antagonismos sociais, de relações de dominação e subordinação, mas também de negociações.

Observa-se nas charges, portanto, que ordens discursivas distintas transportam saberes sociais, (re)montam sentidos, e permitem deslizamentos, o que reforça o entendimento pecheutiano do encontro entre a estrutura e o acontecimento, mas também entre uma atualidade e uma memória. As intenções comunicativas do gênero charge, com a efemeridade que lhe é característica, focam no presente, recortando um passado como memorável ao passo que instalam um futuro de significações para tecer um discurso atualizado, inscrito sócio, histórico e ideologicamente.

### Considerações finais

Neste trabalho, abordamos a construção e efeitos de sentidos na memória social no contexto das questões migratórias recentes através das narrativas verbo-visuais das charges. Nelas, os discursos se constituem a partir de efeitos de sentidos que transitam entre o fortalecimento de valores humanitários, civilizatórios, mas também do discriminatório, marcando relações de poder do discurso, que ganham e perdem energia dentro de um regime de verdade, em consonância com o acontecimento histórico-social.

Além de incorporar o posicionamento sociopolítico e ideológico dos enunciadores, as ilustrações aqui analisadas são um importante instrumento de reflexão, servindo ainda para manifestar inquietações no tocante às crises migratórias da contemporaneidade. Pouca comicidade (se alguma) foi encontrada nas charges selecionadas – a jocosidade é uma característica importante no discurso chargístico –, muito provavelmente por tratarem de crises humanitárias do mundo moderno, às quais é difícil atribuir um discurso humorístico.

Os enunciadores, sujeitos sociais interpelados pela ideologia, vão além do verbo-

visual para se inscreverem em filiações discursivas, valendo-se da interdiscursividade, em sua relação íntima com a memória, produzindo sentidos a partir de outros sentidos já cristalizados na sociedade. Neste processo, saberes historicamente construídos que circulam no imaginário social dos leitores são mobilizados, retomados e atualizados, regidos pela interdiscursividade, as diversas temporalidades dos acontecimentos discursivos e a relação destes com a memória e o esquecimento, possibilitando novas significações.

## Referências

BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Trad. Angela M. S. Corrêa. 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013 [2006].

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1969].

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998 [1979].

LAGAZZI, S. Análise de Discurso: a materialidade significativa na história. *In*: DI RENZO, A.; MOTTA, A. L. A. R. da; OLIVEIRA, T. P. de (Org.). **Linguagem, História e Memória: discursos em movimento**. Campinas: Pontes, 2011. p. 275-290.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. 3ª ed. Campinas: Unicamp, 1997.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005.

ORLANDI, E. P. **Discurso, imaginário social e conhecimento**. Em Aberto, Brasília, ano 14, nº 61, jan./mar. 1994.

ORLANDI, E. P. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. **RUA**. Campinas, nº 1, 1995.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 7ª ed. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. (1975). *In*: GADET, F. HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Orlandi *et al.* 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Orlandi. 7ª ed. São Paulo: Pontes, 2015.